

O parasita na obra de Terêncio — Gnatão vs Formião

AIRES PEREIRA DO COUTO*

Universidade Católica Portuguesa

1. Introdução

O parasita é um dos papéis de sucesso da comédia latina. Ele não tem nem casa nem dinheiro próprios ou provenientes da sua família. Só pode satisfazer a sua fome através de convites. Vive, pois, das suas matreirices e sempre na perspectiva de conseguir obter uma refeição de graça.¹

Em Plauto, o parasita aparece em nove comédias: *Asinaria*, *Bacchides*, *Captiui*, *Curculio*, *Menaechmi*, *Miles gloriosus*, *Persa*, *Rudens* e *Stichus*. Ele é, por vezes, um brincalhão profissional, que procura divertir-se à custa do seu futuro hospedeiro. Outras vezes é um *factotum* desejoso de ganhar o favor de levar recados e disposto a aceitar insultos e abusos. Outras vezes, ainda, é adulator e está pronto a realçar a estupidez dos outros com os seus cínicos apartes². Mas não é só o carácter do parasita que varia, também a importância do seu papel sofre uma grande variação na comédia latina. Em alguns casos (e. g. o parasita de Cleómaco, *Bacchides* 573 sqq.) tem uma função menor e mecânica, noutros desempenha um papel mais importante mas permanece um tanto inorgânico (e. g. Peniculus nos *Menaechmi*; Ergasilus nos *Captiui*; Gelasimus no *Stichus*). No *Curculio* e, como veremos, no *Phormio*, o parasita é mesmo o protagonista da peça e engendra o engano. Apesar desta variação,

* Faculdade de Letras da UCP. Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira — Viseu.

¹ Vd. F. Dupont, *Le Théâtre latin* (Paris 1988) 117.

² Vd. G. E. Duckworth, *The Nature of Roman Comedy. A study in popular entertainment*. Second Edition with a foreword and bibliographical appendix by Richard Hunter (Oklahoma 1994) 265.

uma característica têm todos os parasitas em comum: a paixão pela boa comida e o desejo de refeições de graça.³

Em Terêncio, os tons moralizantes que caracterizam a sua obra fazem com que, como veremos, o parasita se refine. Como se sabe, o comediógrafo cartaginês pretendeu revolucionar a estética teatral, lutou por uma nova comédia latina, mais próxima dos modelos gregos. À comédia *motoria*, cheia de danças e de música, ele começou por opor uma comédia *stataria*, menos barulhenta, que permitisse ao público ouvir o texto.⁴ Para isso pretendia acabar com os papéis de *seruus currens*, *iratus senex*, e *edax parasitus*, como refere o *dominus gregis* Ambívio Turpião nos versos 35-40 do prólogo do *Heautontimorumenos*:

*Adeste aequo animo; date potestatem mihi
Statariam agere ut liceat per silentium,
Ne semper seruos currens, iratus senex,
Edax parasitus, sycophanta autem inpudens,
Auarus leno adsidue agendi sint seni
Clamore summo, cum labore maxumo.*

*Ora estejam a assistir de ânimo benevolente. Dêem-me a possibilidade de representar, sem barulheira, uma comédia do estilo repousado. Que um velho não tenha de representar, a toda a hora, um escravo corredor, um velho zangado, um parasita comilão ou um impostor sem vergonha, um ganancioso alcoviteiro... E numa inferneira dos demónios, com uma canseira de arrasar.*⁵

É, no entanto, indubitável que Terêncio, com o andar do tempo e à medida que foi ganhando experiência, sentiu necessidade de mais personagens cómicas que proporcionassem humor e um pouco mais de acção ruidosa; por isso foram surgindo, nas suas três últimas comédias, as primeiras personagens ditas vulgares ou algo violentas, mas saliente-se que, no entanto, ele se preocupou em retratá-las sempre com a sua habitual moderação, com o

³ Cf. *Asinaria* 914, *Captiui* 69 sqq., 461 sqq., 845 sqq., 901 sqq., *Curculio* 317 sqq., 366 sqq., *Menaechmi* 77 sqq., *Miles* 33 sqq., *Persa* 53 sqq., 93 sqq., 329 sqq., *Stichus* 155 sqq., *Eunuchus* 1058 sqq., *Phormio* 1053. Em *Heautontimorumenos* 38 e *Eunuchus* 38 aparece mesmo a expressão *edax parasitus*.

⁴ Cf. F. Dupont, *L'acteur-roi ou le théâtre dans la Rome antique* (Paris 1985) 367-368.

⁵ Tradução do Prof. Walter de Medeiros, *O homem que se puniu a si mesmo* (Coimbra 1992) 37.

objectivo de evitar a farsa e os exageros de Plauto.⁶ O soldado é menos ridículo, o parasita menos grosseiro, o negociante de escravos mais decente. É, de facto, o que acontece no *Eunuchus* (161 a.C.) com o soldado Trasão e o parasita Gnatão, no *Phormio* (161 a.C.) com o parasita Formião e o alcoviteiro Dorião e, por fim, nos *Adelphoe* (160 a.C.) com o alcoviteiro Sanião. Esta atitude pode parecer, à primeira vista, uma tentativa de conseguir obter o favor, inicialmente negado, de um público habituado à *vis comica* plautina, mas, na opinião de Giovanni Cupaiuolo, o que Terêncio deseja, com a inserção destas personagens, é oferecer, num quadro que ele pretende que seja completo, a representação de todas as figuras que constituem a variedade do mundo popular da *Vrbs* do seu tempo.⁷

O parasita, em Terêncio, adquire uma certa valorização, é algo mais do que o vulgar esfomeado plautino, geralmente disposto a qualquer humilhação para conseguir um prato suculento. Ele faz-se apreciar ou pela sua hábil adulação (é, como veremos, o caso de Gnatão no *Eunuchus*) ou pelo seu génio inventivo (é o caso de Formião). O comediógrafo cartaginês dá-lhe um tratamento diferente daquele que lhe dá Plauto, tornando-o, com as suas conversas e artimanhas, na personagem de maior força cômica das suas peças. Em Terêncio, o parasita desempenha, sob o ponto de vista da comicidade, o papel que cabe ao escravo na comédia plautina, já que na obra terenciana os escravos perderam *uis comica* em relação aos seus congéneres plautinos.⁸

Em toda a obra de Terêncio, aparecem apenas dois parasitas: Gnatão (no *Eunuchus*) e Formião (no *Phormio*), o primeiro, como veremos, não passa de um adulator e de um verdadeiro fanfarrão que se vangloria da sua originalidade; o segundo, simpático, é dotado de uma forte personalidade e assume-se como um verdadeiro estratega.

2. O parasita Gnatão

O parasita Gnatão, embora tenha a sua individualidade e a sua comicidade, não pode dissociar-se do soldado Trasão, com quem forma um

⁶ Sobre a introdução de papéis profissionais (o soldado, o parasita e o negociante de escravos) e a moderação com que Terêncio os caracteriza, vide G. E. Duckworth, op. cit., 267-268.

⁷ Vd. G. Cupaiuolo, *Terenzio teatro e società* (Napoli 1991) 90-91.

⁸ Vd. J. R. Otálora, "Humanismo y universalidad en el teatro de Terencio", *Classica* (S. Paulo) 7/8 (1994/1995) 260-262.

grupo de personagens verdadeiramente cómicas, as duas personagens mais cómicas do teatro de Terêncio, na opinião de Luciano Perelli⁹, e com a qual concordamos. Estas duas personagens foram, de acordo com o que é dito nos versos 30-32 do prólogo do *Eunuchus*, importadas por Terêncio do *Kolax* de Menandro, e a sua principal função é, na nossa opinião, essencialmente divertir o público¹⁰.

Gnatão aparece essencialmente como uma personagem marcada pela vivacidade da sua linguagem e destinada a fazer realçar a estupidez de Trasão, o soldado cuja falta de coragem contrasta com o significado do seu nome: “corajoso”, e fá-lo, quer levando-o a agir estupidamente e a manifestar os seus estúpidos pensamentos, quer sublinhando, com descarados e espirituosos comentários, a sua parvoíce¹¹, assumindo, deste modo, a principal característica dos verdadeiros parasitas cómicos.

A aparição em cena de Gnatão é anunciada por Parmenão no verso 228 e concretiza-se no verso 232 quando surge acompanhado de Pânfila, a moça que ele tinha que entregar a Taís. Gnatão apresenta-se a si próprio com um longo e humorístico monólogo (232-269), vangloriando-se do jeito muito especial que tem para viver à custa dos outros e da sua bem sucedida carreira de parasita, um monólogo que é um encómio do seu estilo de vida e que não resisto a transcrever:

⁹ Cf. *Il teatro rivoluzionario di Terenzio* (Firenze 1976) 235.

¹⁰ A eficácia do uso, por Terêncio, do parasita e do soldado é um dos principais pontos de controvérsia na avaliação do *Eunuchus*. Para alguns, Gnatão e Trasão são elementos intrusos cuja principal função é a farsa, mas para outros eles contribuíram habilmente para a estrutura dramática da peça. Terêncio tem sido acusado de ter condescendido na tentação de introduzir personagens humorísticas exclusivamente com objectivos cómicos. Há quem contra-argumente com o facto de o primeiro objectivo da comédia ser o entretenimento, e, nesse caso, estas duas personagens, verdadeiramente cómicas, fazem todo o sentido. Vide W. E. Forehand, *Terence* (Boston 1985) 72-73, que remete para alguns estudos sobre esta questão: G. Jachmann, “Der *Eunuchus* des Terenz”, *Nachrichten von der Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen*, 1921, pp.69-88; W. Ludwig, “Von Terenz zu Menander”, *Philologus* 103 (1959) 1-38; W. Steidle, “Menander bei Terenz”, *Rheinisches Museum* 116 (1973) 303-347; H. Lloyd-Jones, “Terentian Technique in the *Adelphi* and the *Eunuch*”, *Classical Quarterly* 23 (1973) 279-284; G. Norwood, *The Art of Terence* (Oxford 1923) 64 sqq.; E. K. Rand, “The Art of Terence’s *Eunuchus*”, *Transactions of the American Philological Association* 63 (1932) 54-72; e K. Gilmartin, “The Thraso-Gnatho subplot in Terence’s *Eunuchus*”, *Classical World* 65 (1972) 141-145.

¹¹ Vd. M. R. Posani, “Aspetti del comico in Terenzio”, *Atene e Roma* 7 (1962) 74.

- GN. *Di immortales, homini homo quid praestat! Stulto intellegens
Quid interest! Hoc adeo ex hac re uenit in mentem mihi:
Conueni hodie adueniens quemdam mei loci hinc atque ordinis,
Hominem haud impurum, itidem patria qui abligurrierat bona. 235
Video sentum squalidum aegrum, pannis annisque obsitum: «Oh!
Quid istuc, inquam, ornatist?» – «Quoniam miser quod habui perdidit, em
Quo redactus sum! Omnes noti me atque amici deserunt.»
Hic ego illum contempsi prae me: «Quid, homo, inquam, ignauissime!
Itan parasti te ut spes nulla reliqua in te siet tibi? 240
Simul consilium cum re amisti? Viden me, ex eodem ortum loco,
Qui color, nitor, uestitus, quae habitudo est corporis!
Omnia habeo, neque quicquam habeo; nihil cum est, nihil deficit tamen.»
– «At ego infelix neque ridiculus esse neque plagas pati
Possum». – «Quid? tu his rebus credis fieri? Tota erras uia. 245
Olim isti fuit generi quondam quaestus apud saeculum prius;
Hoc nouom est aucupium; ego adeo hanc primus inueni uiam.
Est genus hominum qui esse primos se omnium rerum uolunt,
Nec sunt; hos consector, hisce ego non paro me ut rideant,
Sed eis ultro adrideo et eorum ingenia admiror simul; 250
Quidquid dicunt, laudo; id rursus si negant, laudo id quoque;
Negat quis: nego; ait: aio; postremo imperaui egomet mihi
Omnia adsentari; is quaestus nunc est multo uberrimus».*
- PA. *Scitum hercle hominem! Hic homines prorsum ex stultis insanos facit.*
- GN. *Dum haec loquimur, interea loci ad macellum ubi aduentamus, 255
Concurrunt laeti mihi obuiam cuppedinarii omnes,
Cetarii, lanii, coqui, fartores, piscatores,
Quibus et re salua et perdita profueram et prosum saepe;
Salutant, ad cenam uocant, aduentum gratulantur.
Ille ubi miser famelicus uidet me esse tanto honore et 260
Tam facile uictum quaerere, ibi homo coepit me obsecrare
Ut sibi liceret discere id de me; sectari iussi,
Si potis est, tanquam philosophorum habent disciplinae ex ipsis
Vocabula, parasiti itidem ut Gnathonici uocentur.*
- PA. *Viden otium et cibus quid facit alienus!*
- GN. *Sed ego cesso 265
Ad Thaidem hanc deducere et rogare ad cenam ut ueniat.
Sed Parmenonem ante ostium Thainis tristem uideo,
Riualis seruom. Salua res est: nimirum homines frigent.
Nebulonem hunc certumst ludere.¹²*

GNATÃO. *Deuses imortais! como um homem pode ser superior a outro! Que diferença entre um parvo e um homem inteligente! Lembrei-me disto precisamente*

¹² Os versos do *Eunuchus* que transcrevemos neste estudo reproduzem os da edição de J. Marouzeau (Paris, Les Belles Lettres, ⁵1979).

pelo seguinte: hoje, ao chegar, encontrei uma pessoa daqui, da minha classe e da minha condição, um homem com qualidades, que, tal como eu, tinha devorado os bens da família. Vejo-o horrível, sujo, doente, coberto de panos e de anos. «Oh!, mas que andaina é esta?» – pergunto-lhe eu – «É porque, para infelicidade minha, perdi tudo o que tinha, e eis aqui aquilo a que fiquei reduzido! Todos os meus conhecidos e os meus amigos me abandonam». Então tratei de o envergonhar, comparando-o comigo: «Como é que tu, digo-lhe eu, meu papa-açorda, te acomodaste de tal forma que não tenhas em ti dez-réis de esperança? Perdeste o miolo, juntamente com os bens? Olha para mim, que provenho do mesmo meio que tu: que cores, que brilho, que roupa, que postura! Tenho tudo e não tenho nada; e embora nada tenha, todavia nada me falta.» – «Mas eu, por desgraça, não sei fazer de palhaço, nem apanhar bofetadas.» – «O quê? tu pensas que é dessa forma que se faz? Estás totalmente enganado. Já lá vai o tempo em que se ganhava a vida com esse tipo de coisas, isso era na geração anterior; hoje há uma nova maneira de armar aos pássaros; e fui eu precisamente que inventei o processo. Há uma classe de homens que querem ser os primeiros em tudo, e não o são; eu ando sempre atrás deles. Não me ligo a eles para que eles se riam de mim, mas sou eu que me rio espontaneamente para eles, e ao mesmo tempo admiro os seus talentos. Tudo o que eles dizem, eu aplaudo; se de seguida dizem o contrário, também o aplaudo; se alguém diz não, eu digo não; se alguém diz que sim, eu digo que sim. Enfim, impus-me a mim próprio aprovar sempre tudo. Agora, esta profissão é, de longe, a mais produtiva.»

PARMENÃO (em aparte). Que espertalhão, caramba! Este, dos burros, faz literalmente doidos!

GNATÃO. A conversar deste jeito, chegamos, entretanto, ao mercado onde correm ao meu encontro, alegres, todos os comerciantes de petiscos, os de peixe graúdo, carneiros, cozinheiros, salsicheiros, peixeiros, a quem, nas horas boas e nas horas más, eu tinha prestado serviços, e ainda presto com frequência. Saúdam-me, convidam-me para jantar, festejam a minha chegada.

Quando aquele desgraçado, morto de fome, vê que eu ando coberto de tantas honras e ganho a vida tão facilmente, então começa a suplicar-me para que eu o deixe instruir-se junto de mim; disse-lhe que me seguisse para ver se, tal como as escolas dos filósofos tomam o nome dos próprios fundadores, também é possível que os parasitas se chamem gnatónicos.

PARMENÃO (em aparte). Vejam só o que faz a boa vida e comer à conta dos outros!

GNATÃO. Mas eu já estou a demorar muito para levar esta rapariga à Taís e convidá-la para jantar. (Pausa. Olha à volta) Mas estou a ver ali o Parmenão, o escravo do nosso rival, com ar abatido, diante da porta de Taís. Isto está a correr bem: sem dúvida que a sua gente é recebida com muita frieza. Estou decidido a gozar este patife.

O conteúdo desta longa fala, proveniente do *Kolax*, composta por 36 versos que fazem dela o terceiro monólogo mais longo nas comédias de Terêncio (cf. *Adelphoe* 26-81 e *Hecyra* 361-414), não tem qualquer influência

no enredo da peça. Por conseguinte, esta cena pode, como observou Walter E. Forehand, ser criticada como tendo elementos inorgânicos e ser vista como um exemplo de debilidade geral, já que não contribui para a dinâmica interna da acção.¹³ Convirá, contudo, salientar o facto de o papel de Gnatão ter alguma importância para a estrutura global da peça. É que, por um lado, a “reflexão filosófica” que Gnatão faz no seu monólogo tem interesse para se perceber melhor o desfecho da peça, no qual o parasita desempenhará, como veremos, um papel decisivo. Por outro lado, o diálogo que se segue entre Gnatão e Parmenão (270-291) antecede a entrega da moça a Taís, oferta que, por sua vez, permitirá que o soldado convide Taís para jantar fora (455 sqq.). Se tivermos em conta que a rapariga violada pelo falso eunuco foi a oferecida por Trasão, e que o convite para jantar era necessário para afastar Taís de casa durante a concretização da violação, podemos concluir, com Walter E. Forehand¹⁴, que o objectivo da presença do parasita e do soldado na peça não se limita ao mero interesse cómico, embora sejamos de opinião que a sua inclusão pretende essencialmente aumentar a comicidade da peça.

Mas voltemos ao monólogo de Gnatão, no qual ele se vangloria da sua originalidade, mostrando não só um profundo conhecimento da arte de adular¹⁵ (247-253) mas também uma especial habilidade para conseguir convites para jantar (255-259), ou não tivesse o seu nome o significado de “mandíbulas”, ainda que o desejo de comida não seja muito acentuado na sua caracterização. Gnatão mostra uma considerável arrogância ao desprezar os menores recursos de um desconhecido (239) e ao colocar-se ele próprio como mestre de uma escola de parasitas (264). O método de que Gnatão diz ter sido o criador (247) não é original, pois o seu elogio de Trasão e os seus cínicos apartes são muito semelhantes aos que o parasita Artotrogo faz acerca do soldado fanfarrão Pirgopolinices no *Miles gloriosus* de Plauto (cf. *Eunuchus* 391-453 e *Miles* 9-78). A própria técnica que Gnatão, nos versos 251-253, diz utilizar, não é uma técnica original, a ela já recorrera o parasita Penículo dos *Menaechmi* de Plauto

¹³ W. E. Forehand, op. cit, 73.

¹⁴ Ibid., 73.

¹⁵ O parasita visto como adulator e não como pessoa habilidosa aparece em Cícero (*Laelius* 93; *Phil.* 2 15; *Ad Fam.* 1.9.19). No § 91 do *Laelius*, a propósito dos falsos amigos que “sempre falam na mira de agradar, nunca para dizer a verdade”, são citadas as palavras que Gnatão profere nos versos 252-253 do *Eunuchus*. Também na citada epístola, o Arpinate transcreve o mau conselho que Gnatão dá a Trasão (440-445).

(cf. 163). Mas o que verdadeiramente sobressai neste brilhante monólogo de Gnatão é a sua linguagem exuberante e verdadeiramente pictórica, colorida com várias metáforas (235: *abligurrierat*; 236: *pannis annisque obsitum*; 247: *aucupium*; 268: *frigent*), expressões pleonásticas (246: *olim... quondam... apud saeculum prius*), imprecações e exclamações (232: *Di immortales*; 236-237: *Oh! quid istuc, inquam, ornatist?*), verbos frequentativos (249: *consector*; 253: *adsentari*; 255: *aduentamus*; 262: *sectari*), expressões proverbiais (232: *homini homo quid praestat*; 245: *tota erras uia*), uma notável antítese (232: *stulto intellegens*), uma lítotes (235: *haud impurum*), paradoxos (243: *omnia habeo, neque quicquam habeo; nihil cum est, nihil deficit tamen*), pares de sinónimos (234: *loci hinc atque ordinis*), múltipla adjectivação (236: *uideo sentum squalidum aegrum*), séries de vários substantivos em assíndeto (242: *qui color, nitor, uestitus, quae habitudo est corporis!*; 256-257: *cuppedinarii omnes, cetarii, lanii, coqui, fartores, piscatores*), repetições verbais (251-252: *laudo... laudo... negat quis: nego; ait: aio*), e jogos de palavras (236: *pannis annisque obsitum*; 249-250: *hisce...rideant... adrideo*; 264: *parasiti itidem ut Gnathonici uocentur*)¹⁶.

No monólogo de Gnatão, a comicidade é habilmente inserida num contexto que procura cantar elegantemente a figura cómica tradicional do parasita.¹⁷ O monólogo termina quando Gnatão se apercebe da presença do escravo Parmenão e, escudado na bela moça que levava para oferecer a Taís, decide gozá-lo ao longo do diálogo que com ele irá manter (270-291). A ironia que caracterizará as falas do parasita é desde logo visível na saudação ostensivamente efusiva com que se dirige a Parmenão¹⁸ (270-271):

GN. Plurima salute Parmenonem
Summum suom impertit Gnatho.

¹⁶ No exemplo do verso 264, o jogo de palavras baseia-se na terminologia erudita dos gregos. Refira-se que o nome do parasita no *Kolax* era *Struthias*, o que, portanto, inviabilizava, na peça de Menandro, o jogo de palavras que se baseia na assonância de *Gnathonici* com *Platonici*. Sobre esta questão vd. O. Bianco, *Terenzio – Problemi e aspetti dell' originalità* (Roma 1962) 151-152.

Vide um comentário linguístico e estilístico bastante pormenorizado do monólogo de Gnatão na edição comentada de J. Barsby, *Terence. Eunuchus* (Cambridge 1999) 126-135.

¹⁷ Cf. L. Perelli, op. cit., 236.

¹⁸ Também Plauto pusera na boca do escravo Epídico uma saudação semelhante (cf. *Epidicus* 126-127).

GNATÃO. *Ao seu caro e ilustre Parmenão,
Gnatão apresenta os seus mais respeitosos cumprimentos.*

O recurso a uma fórmula semelhante à usada numa carta oficial confere à saudação um tom solene e ao mesmo tempo burlesco, pois a fórmula de saudação habitual é simplesmente *salve* (cf. 304).

A vivacidade da linguagem é uma das principais marcas caracterizadoras de Gnatão ao longo da sua participação na peça, não só, como vimos, neste seu monólogo inicial, mas também, como veremos, nas suas restantes actuações.

O regresso de Gnatão dá-se na primeira cena do acto III (391-453). Nesta cena o parasita aparece acompanhado pelo soldado Trasão e lisonjeia-o disparatadamente. Os primeiros 43 versos da cena (391-433) não têm, à semelhança do anterior monólogo de Gnatão, uma relação directa com o enredo da peça e presumivelmente terão sido tirados directamente do *Kolax* de Menandro. Esta cena serve para introduzir e caracterizar Trasão, mas contribui, por outro lado, para acrescentar comicidade à peça e salientar o carácter profundamente hipócrita e adulator de Gnatão. Os últimos 20 versos da cena (434-453) são mais relevantes para o enredo, pois é neles que se prefigura a desavença entre a cortesã Taís e o soldado fanfarrão Trasão.¹⁹

Gnatão passa a maior parte desta cena pondo em prática a arte da adulação²⁰ nos moldes que ele celebrara no seu monólogo de abertura, mas nos últimos 20 versos da cena (a partir do verso 434) ele assume outro papel: o de conselheiro do seu protector nas questões do amor, movendo-se, deste modo, para fora de uma classe de parasitas (os adutores) e inserindo-se noutra (os conselheiros). Nesta cena, o colorido e a vivacidade da sua linguagem resultam do uso variado de comentários lacónicos (403: *mirum!*; 433: *haud iniuria*; 435: *nihil minus*), imprecacões e exclamações irónicas (397: *aduorti hercle animum*; 407-408: *hui! regem elegantem narras*; 416-417: *pulchre... quid ille?*; 427: *facete, lepide, laute, nihil supra*), metáforas (394: *triumphat*; 406: *quasi ubi illam exspueret miseriam ex animo*; 417: *iugularas hominem*; 438: *te ut male ura*; 445: *mordeat*), diferentes formas de adulação (392-394: *non tam*

¹⁹ Cf. J. Barsby, op. cit., 157.

²⁰ Cícero, no *Laelius* 98, cita a resposta de Gnatão (392: *ingentis*) como exemplo da técnica usada pelo adulator para aumentar aquilo que a pessoa adulada quer que seja grande.

... *triumphat*; 401-402: *in oculis... gestare*; 452-453: *non... inuenisses*), algumas propositadamente ambíguas (e. g. 399-401: *labore... in te est*; 409: *immo... uiuit*), e ainda de apartes irónicos (e. g. 422: *plus miliens audiui*).²¹

A terceira cena em que aparece Gnatão, de novo na companhia do soldado, é a cena 2 do acto III (454-506), uma cena em que as falas do parasita são quase todas muito breves e em número reduzido (apenas seis), comparativamente com o que aconteceu nas duas anteriores. Ele limita-se, praticamente, a dar apoio aos insultos de Trasão (472, 487-488) e a adulá-lo mais uma vez (497-498). John Barsby²² sugere que Terêncio terá acrescentado Gnatão a esta cena para ele ser responsável pelas duas referências à comida, associando-o deste modo ao carácter do tradicional *edax parasitus*. A primeira referência surge no verso 459, quando ele próprio diz: *eamus ergo ad cenam*; a segunda no verso 491, quando Parmenão o acusa de ser capaz de procurar comida nas fogueiras²³: *e flamma petere te cibum posse arbitror*. Este carácter tinha sido muito desenvolvido por Plauto e era, sem dúvida, o favorito do público romano.

Voltamos a encontrar Gnatão, novamente acompanhado de Trasão, na cena 7 do acto IV (771-816), uma cena que apenas procura contribuir para o cómico verbal e visual da peça, já que a fracassada tentativa de tomar de assalto a casa de Taís não terá nenhum seguimento. A participação do parasita nesta cena imprime-lhe, através das suas elegantes graças de irónico sentido duplo, um maior brilho cómico. De facto, Gnatão continua a adular Trasão com exclamações de apoio (773-774), comentando ele próprio a adulação com apartes irónicos (782) e sarcasmo (786-787, 790-791); toma o partido do soldado, começando por avisar Cremes, num tom de irónica delicadeza, do perigo que corre ao fazer de um homem tão importante um inimigo (799, 802), para logo de seguida o insultar num tom particularmente agressivo, patente no vocativo *canis* (803), um exemplo único nas comédias de Terêncio²⁴.

²¹ Vd. J. Barsby, op. cit., 158 e W. G. Arnott, "Phormio parasitus. A study in dramatic methods of characterization", *Greece & Rome* 17 (1970) 53.

²² Op. cit., 171.

²³ Roubar aquilo que se queimava em honra dos mortos era um crime dos mais infames, próprio de pessoas sem escrúpulos religiosos e sem respeito por si próprio (cf. Plauto, *Pseud.* 361 e *Catulo* 59).

²⁴ Note-se que também Plauto usa a palavra *canis* 5 vezes no sentido injurioso, mas nunca num vocativo directo, apesar de usar nomes de animais com sentido insultuoso muito

Mas depois da argumentação de Cremes, Gnatão muda de estratégia e aconselha ao soldado um plano que nunca falha: meter o rabo entre as pernas e ordenar a retirada (811-812).

As duas personagens do *Kolax* de Menandro reaparecem em cena na parte final do *Eunuchus*, nas últimas três cenas (1025-1094). A brevíssima cena 7 (1025-1030) é uma superficial cena de transição na qual Gnatão oferece a sua habitual adulação (1027) e ao mesmo tempo critica através dos seus típicos apartes sarcásticos (1028).

Na penúltima cena (1031-1049), em que participam também o jovem Quérea, o escravo Parmenão e o soldado Trasão, Gnatão limita-se a fazer dois pequenos comentários (1037, 1044) sem grande significado para a sua caracterização.

Mais significativa é a sua participação na última cena da peça²⁵ (1049-1094), na qual ele procura, a pedido do desesperado soldado (1054-1055), persuadir a qualquer custo os jovens Fédria e Quérea a aceitarem um compromisso com Trasão, de modo a que este possa ficar ligado de alguma forma a Taís. Do êxito da sua missão dependia a obtenção do prémio mais almejado por qualquer verdadeiro parasita: que a casa do soldado estivesse sempre aberta para ele e que, sem ser convidado, tivesse lá sempre um lugar (1058-1060). Mas vejamos as palavras com que Gnatão (1067-1082) argumentou para levar a água ao seu moinho, ou antes para conseguir uma pensão vitalícia:

GN. *Prius audite paucis; quod cum dixero, si placuerit,*

Facitote.

CH. *audiamus.*

GN. *Tu concede paullum istuc, Thraso.*

mais frequentemente do que Terêncio. Sobre este assunto vide S. Lilja, *Terms of abuse in Roman comedy* (Helsinki 1965) 30-35.

²⁵ Esta última cena da peça tem suscitado discussões acerca da questão da conduta moral e da fraqueza humana destas personagens (Vd. W. E. Forehand, op. cit., 74-80; P. G. Brown, "The Bodmer codex of Menander and the endings of Terence's *Eunuchus* and other comedies" in E. Handley and A. Hurst (edd.), *Relire Ménandre* (Geneve 1990) 49-61; S. M. Goldberg, *Understanding Terence* (Princeton 1986) 113-122; D. Konstan, "Love in Terence's *Eunuch*: the origins of erotic subjectivity", *American Journal of philology* 107 (1986) 377-378 e 384-385; F. H. Sandbach, *The comic theatre of Greece and Rome* (London 1977) 144-145; G. M. Pepe, "The last scene of Terence's *Eunuchus*", *Classical World* 65 (1971-1972) 141-145.

*Principio ego uos ambos credere hoc mihi uehementer uelim,
Me huius quidquid facio id facere maxime causa mea. 1070
Verum si idem uobis prodest, uos non facere inscitiast.*

PH. *Quid id est?*

GN. *Militem ego riualem recipiundum censeo.*

PH. *Hem!*

Recipiundum?

GN. *Cogita modo: tu hercle cum illa, Phaedria,
Vt libenter uiuis (etenim bene libenter uicitas),
Quod des paullum est, et necesse est multum accipere Thaidem. 1075
Vt tuo amori suppeditare possit sine sumptu tuo, ad
Omnia haec magis opportunus nec magis ex usu tuo
Nemo est: principio et habet quod det, et dat nemo largius;
Fatuus est, insulsus, tardus, stertit noctes et dies,
Neque istum metuas ne amet mulier; facile pellas ubi uelis. 1080*

PH. *Quid agimus?*

GN. *Praeterea hoc etiam quod ego uel primum puto,
Accipit homo nemo melius prorsus neque prolixius.*

CH. *Mirum ni illoc homine quoquo pacto opust.*

PH. *Idem ego arbitror.*

GN. *Recte facitis. Vnum etiam hoc uos oro, ut me in uestrum gregem
Recipiatis; satis diu hoc iam saxum uorso.*

PH. *Recipimus. 1085*

GNATÃO. *Primeiro ouçam algumas palavras; quando eu tiver falado, se vos agradar, apliquem-no.*

QUÉREA. *Ouçamos.*

GNATÃO. *Tu, retira-te um pouco para aí, Trasão. (Dirigindo-se aos dois irmãos) Primeiro eu queria vivamente que vocês os dois acreditassem em mim no seguinte: tudo aquilo que eu estou a fazer, faço-o sobretudo no meu interesse; mas se isto também vos for útil, seria estupidez da vossa parte não o fazerem.*

FÉDRIA. *De que estás a falar?*

GNATÃO. *A minha opinião é que o soldado deve ser acolhido como rival.*

FÉDRIA. *O quê?! acolhido?*

GNATÃO. *Pensa um pouco. Tu, cum raio, Fédria, embora vivas alegre com ela (e é um facto que levas uma vida bem alegre), tens pouco para lhe dar, e Tais necessita de receber muito. Para poder ajudar ao teu amor sem despesas para ti, para tudo isto, não há ninguém mais indicado nem mais útil; primeiro, ele não só tem muito que dar, mas também não há ninguém que seja mais mãos-largas. É idiota, imbecil, molengão, ronca dia e noite, e não receies que uma mulher se apaixone por ele; expulsa-lo facilmente quando quiseres.*

FÉDRIA. *Que fazemos?*

GNATÃO. *Além disso, há outra coisa que eu considero mais importante, nenhum homem recebe melhor nem mais generosamente.*

QUÉREA. É provável que um homem destes nos seja útil de uma ou de outra maneira.

FÉDRIA. Eu também acho que sim.

GNATÃO. Tem razão. Vou pedir-vos mais uma coisa: que me acolham na vossa confraria; já há bastante tempo que faço rolar esta pedra.

FÉDRIA. Acolhemos.

Gnatão parece ter recorrido, nesta sua alegação, ao uso de uma linguagem cautelosa (cf. 1067: *placuerit*; 1068: *facitote*; 1072: *censeo*); o seu argumento está cuidadosamente articulado numa evidente progressão²⁶ (cf. 1069: *principio*; 1078: *principio*; 1081: *praeterea*; 1084: *unum etiam hoc uos oro*) que começa com uma oportuna declaração do seu interesse próprio, a que se segue um desenvolvimento marcado por uma aparente pretensão de algum altruísmo, e que termina com um pedido que visa também ele satisfazer os interesses do próprio parasita. De facto, depois de, com a referida argumentação, ter conseguido convencer os jovens e, conseqüentemente, ter ganho o direito ao convite vitalício para jantar à mesa do soldado Trasão, Gnatão, ainda não totalmente satisfeito, teve a ousadia de pedir mais uma coisa, desta vez um tanto abruptamente: que os dois irmãos o acolhessem na sua confraria (1084-1085), pedido também ele satisfeito.

A peça termina com um breve diálogo entre Gnatão e Trasão (1089-1093), no qual se acentua o cinismo do parasita, bem patente na descarada adulação com que este se dirige a Trasão, dizendo (1089-1091):

*GN. Quid? Isti te ignorabant; postquam eis mores ostendi tuos
Et conlaudavi secundum facta et uirtutes tuas, 1090
Impetraui.*

GNATÃO. Sabes? Estes não te conheciam; mas depois que lhes revelei o teu carácter e elogiei, de seguida, os teus feitos e os teus méritos, consegui o que queria.

Esta fala do parasita mereceu um “brilhante” comentário final de Trasão, mais uma vez bem revelador do seu carácter estúpido e pretensioso (1091-1092):

*TH. Bene fecisti; gratiam habeo maximam.
Numquam etiam fui usquam quin me omnes amarent plurimum.*

TRASÃO. Portaste-te bem; estou-te extremamente grato. Mas a verdade é que nunca estive onde quer que fosse sem que todos gostassem muito de mim.

²⁶ Cf. J. Barsby, op. cit., 285.

Perante o desprendimento com que Trasão felicitou a notícia da sua aceitação como rival de Fédria, Gnatão não pôde deixar de se dirigir aos dois jovens com um comentário final pleno de ironia (1093):

Dixin ego in hoc esse uobis Atticam elegantiam?

*Eu não vos disse que havia nele uma esperteza ática?*²⁷

Apesar de, na comédia, alguns parasitas serem engenhosos, simpáticos, marotos, e os seus triunfos agradarem a grande parte do público — é, como veremos já de seguida, o caso de Formião —, Gnatão apenas desempenha um papel secundário e não conseguiu ir além do manhoso e cínico adulator que se preocupa apenas consigo mesmo (1070) e que dificilmente merece arrebatat a vitória final.

3. O parasita Formião

O outro parasita da obra de Terêncio — Formião — não é apenas outro Gnatão, bem pelo contrário, quanto mais não fosse pelo facto de ter dado o nome à peça em que participa²⁸, mas veremos que não é essa, evidentemente, a única razão.

Embora Formião esteja em cena apenas duas vezes (315-440 e 829-1055), a sua presença domina a acção do princípio ao fim da peça, não só porque se fala muito dele, mas também porque se põem em prática os seus planos. É ele que engendra o estratagema para que Antifão possa casar com Fânio e é ele também que consegue arranjar as trinta minas para comprar Pânfila, a jovem tocadora de flauta por quem Fédria estava apaixonado, e, desse modo, tirar o jovem da situação embaraçosa em que se encontrava.

Antes de Formião fazer a sua primeira entrada em cena, no verso 315, já o escravo Geta se referira a ele como sendo um descarado parasita (122-123: *Est parasitus quidam Phormio, homo confidens*) que tinha convencido o jovem Antifão a casar com a órfã Fânio através de uma engenhosa interpretação de uma lei de Sólon²⁹ que obrigava o parente mais próximo de uma rapariga

²⁷ Os atenienses eram célebres pela sua sofisticação, descrita pelos romanos através de termos como *sal* (Cícero, *Fam.*9.15.2) e *lepos* (Marcial 3.20.9).

²⁸ Também em Plauto temos um exemplo único de um parasita que dá o seu nome à peça: o Gorgulho.

²⁹ Cf. Diodoro Sículo 12.18.2-3. Terêncio alude também a esta mesma lei nos *Adelphoe* 650-652.

herdeira que ficasse órfã a casar com ela (124-134). Formião urdiu uma teia de simulações com total sucesso. O estratagema idealizado e o engenho de Formião transcenderam em muito a habilidade do típico *seruus parum callidus* a que nos habituámos nas outras peças de Terêncio. Este tipo de brilho era, como observou W. Geoffrey Arnott, próprio de alguém de condição livre, por isso Formião não podia ser escravo³⁰, embora ele assumisse, em parte, e em detrimento do escravo Geta, o papel que na comédia plautina cabia habitualmente ao escravo principal, que se assumia como rei e vencedor (e. g. Epídico e Psêdolo)³¹. Com efeito, é ele que, como veremos, inventará os estratagemas e conduzirá a intriga segundo uma técnica normalmente usada pelo escravo principal; Geta diz mesmo nunca ter visto um homem mais finório do que Formião (591-592: *Ego hominem callidorem uidi neminem quam Phormionem!*). Ele desempenha tarefas que são características do papel do escravo e, ao mesmo tempo, não aparece propriamente a clamar a sua fome, como seria próprio de um parasita. Se exceptuarmos os versos 330-336 onde Formião, ao explicar as razões pelas quais nunca foi castigado por aqueles que ludibriou, se auto-intitula “um tipo comilão” (*hominem edacem*) e o pedido que no final da peça (1053) faz a Nausístrata para que o convide para jantar, Formião não apresenta nenhuma característica habitual do parasita, nomeadamente a típica preocupação com a fome e a comida, ou o desejo de ganhar o favor de alguém através do gracejo ou da adulação. Formião assume-se como o dominador de toda a acção e não propriamente como um mero parasita, e quer demonstrá-lo logo na sua primeira aparição, quando entra em cena acompanhado de Geta (315) e quando na cena 3 do acto II (348-440) resolve provocar o velho Demifão. A sua entrada em cena, no verso 315, foi como que preparada por Demifão, quando este, ao retirar-se de cena (310-314), diz:

At

*Ego deos Penates hinc salutatum domum
Deuertar; inde ibo ad forum atque aliquos mihi*

³⁰ Vd. W. G. Arnott, *Greece & Rome* 17 (1970) 34.

³¹ Não é a única comédia latina em que se assiste à transferência do papel do escravo para o parasita. O mesmo se passa no *Curculio* de Plauto. Sobre esta questão vide F. Dupont, *Le Théâtre latin*, 119-122.

*Amicos aduocabo ad hanc rem qui adsient,
Ut ne inparatus sim, si ueniat Phormio*³².

Eu vou dar um salto a casa para saudar os meus deuses Penates. De lá, irei até ao foro e pedirei a alguns amigos que me assistam neste caso, de modo a que eu não seja surpreendido, se Formião aparecer.

A primeira aparição de Formião dá-se nas cenas 2 e 3 do acto II, que abarcam os versos 315-440. A cena 2 (315-347) serve essencialmente para caracterizar Formião, antes da confrontação que este terá com Demifão e que começa precisamente no verso 348. As falas que Formião profere na cena 2 foram cuidadosamente preparadas, tendo sido enriquecidas com uma linguagem metafórica, com o objectivo de, logo na sua primeira participação, o parasita deixar clara a sua supremacia intelectual em relação ao seu companheiro Geta, ao assumir desde logo, num monólogo em que se dirige a si próprio (317-318), toda a responsabilidade³³, mas também para servirem de contraste com as falas da cena anterior (253-314) à da entrada de Formião, na qual a conversa entre Demifão, Fédria e Geta fora conduzida sem qualquer adorno, praticamente sem qualquer imagem.³⁴

Nas 13 falas que Formião profere na cena 2 (315-347), a sua vaidade e o seu poder de imaginação são, como já referiu W. Geoffrey Arnott³⁵, notórios, sobretudo nas seguintes 6 falas do diálogo que mantém com Geta (321-345):

PH. Cedo senem! Iam instructa sunt mihi in corde consilia omnia.

GE. Quid ages?

*PH. Quid uis, nisi uti maneat Phanium atque ex crimine hoc
Antiphonem eripiam atque in me omnem iram deriuem senis?*

*GE. O uir fortis atque amicus! Verum hoc saepe, Phormio,
Vereor ne istaec fortitudo in neruom erumpat denique.*

325

PH. Ah!

Non itast. Factum est periculum iam pedum, uisast uia.

Quot me censes homines iam deuerberasse usque ad necem

³² Os versos do *Phormio* que transcrevemos neste estudo reproduzem os da edição de J. Marouzeau (Paris, Les Belles Lettres, 41970).

³³ No comentário ao verso 318: *Tute hoc intristi, tibi omne est exedendum; accingere!* (Foste tu que o cozinhaste, cabe-te a ti comê-lo todo; prepara-te!), Donato diz que a metáfora utilizada por Formião é “apta parasito, quia de cibo est”. (Apud W. G. Arnott, *Greece & Rome* 17 (1970) 36). Pode, efectivamente, ver-se nesta metáfora uma subtil alusão ao habitual interesse do parasita pela comida.

³⁴ Vd. uma breve análise à linguagem desta cena in W. G. Arnott, *Greece & Rome* 17 (1970) 35-36.

³⁵ *Ibid.*, 38.

Hospites, tum ciues? Quo magis noui, tanto saepius...

Cedodum, enumquam iniuriarum audisti mihi scriptam dicam?

GE. *Qui istuc?*

PH. *Quia non rete accipitri tenditur neque miluo,* 330

Qui male faciunt nobis; illis qui nihil faciunt tenditur;

Quia enim in illis fructus est, in illis opera luditur.

Aliis alicunde est periculum, unde aliquid abradi potest;

Mihi sciunt nihil esse. Dices: «Ducent damnatum domum»;

Alere nolunt hominem edacem; et sapiunt mea sententia, 335

Pro maleficio si beneficium summum nolunt reddere.

GE. *Non potest satis pro merito ab illo tibi referri gratia.*

PH. *Immo enim nemo satis pro merito gratiam regi refert.*

Ten asymbolum uenire unctum atque lautum e balineis,

Otiosum ab animo, cum ille et cura et sumptu absumitur! 340

Dum tibi fit quod placeat, ille ringitur; tu rideas,

Prior bibas, prior decumbas; cena dubia apponitur...

GE. *Quid istuc uerbi est?*

PH. *Vbi tu dubites quid sumas potissimum.*

Haec cum rationem ineas quam sint suaui et quam cara sint,

Ea qui praebet non tu hunc habeas plane praesentem deum? 345

FORMIÃO (a Geta). *Traz-me lá o velho. Já tenho o plano todo preparado na minha cabeça.*

GETA. *Que é que vais fazer?*

FORMIÃO. *Que queres que eu faça senão que Fânio permaneça onde está, que eu ilibe Antifão deste crime e volte contra mim toda a ira do velho?*

GETA. *Ó homem corajoso e amigo! Mas a verdade é que eu, Formião, muitas vezes receio que essa coragem acabe, afinal, na masmorra.*

FORMIÃO (zombando). *Oh, nada disso. Já pus as minhas pernas à prova, o caminho já foi reconhecido. A quantas pessoas é que pensas que eu já dei tareias até à morte: estrangeiros e até cidadãos? E quanto mais experiência tenho, com mais frequência. E diz-me lá, alguma vez ouviste dizer que me foi instaurado um processo de difamação?*

GETA (espantado). *Como é que consegues?*

FORMIÃO. *É porque não se armam esparrelas ao falcão nem ao milhafre, que nos fazem mal: armam-se àqueles que não nos podem fazer nada, porque com estes está-se em vantagem, com aqueles é tempo perdido. Há outros que correm sempre perigo: são aqueles de quem se pode extorquir alguma coisa. Quanto a mim, sabem que eu não tenho nada. Dir-me-ás: «Serás condenado e levar-te-ão como escravo para casa». Eles não vão querer sustentar um tipo comilão; e fazem bem, na minha opinião, se não querem prestar-me um grande favor em vez de um castigo.*

GETA. *Não é possível agradecer-te o suficiente pelo que fizeste por ele.*

FORMIÃO. *Pelo contrário, é ao patrono que ninguém agradece o suficiente pelo que ele nos faz. Olha só para ti que, sem pagares um chavo, vens dos banhos lavado e untado, livre de preocupações, enquanto ele se consome com as inquietações*

e as despesas! Enquanto te preparam o que te agrada, ele irrita-se; tu podes rir, és o primeiro a beber, o primeiro a ir para a mesa, servem-te um jantar embaraçoso.

GETA. O que é que isso quer dizer?

FORMIÃO. Um jantar no qual tu hesitas em relação ao que deves escolher de preferência. Quando tomas consciência de como são agradáveis e caras estas coisas, tu não consideras aquele que te oferece estas coisas um verdadeiro deus protector?

O virtuosismo de Formião está bem patente no uso que ele faz de metáforas (321: *instructa*; 326: *factum... pedum*), hipérboles (327-328: *quot... ciues?*; 345: *praesentem deum*), imagens (330: *non rete... miluo*), aliteração (334: *dices: «ducent damnatum domum»*), múltipla adjectivação (339-340: *ten asymbolum... otiosum*) e até de um neologismo (342: *cena dubia*).

O talento de Formião será sempre demonstrado ao longo da peça, e até mais pela acção do que propriamente pelas palavras. De facto, ele assume-se claramente como o grande manipulador de toda a acção, de tal modo que não quer, por exemplo, perder tempo a explicar o plano a Geta quando este lhe pergunta o que vai fazer (322). O que lhe importa é conseguir alcançar os seus objectivos, isto é, que Fânio continue casada com Antifão, que este seja ilibado, e que a ira dos velhos se volte apenas contra ele.

O primeiro ataque de Formião é lançado no verso 350, quando, seguro de si, cria uma discussão previamente combinada com Geta (350-374), discussão que, pelo seu teor, deixa Demifão perplexo e preocupado:

PH. Quin tu hoc age! 350

*Iam ego hunc agitabo. Pro deum immortalium,
Negat Phanium esse hanc sibi cognatam Demipho?
Hanc Demipho negat esse cognatam?*

GE. Negat.

PH. Neque eius patrem se scire qui fuerit?

GE. Negat.

DE. Ipsum esse opinor de quo agebam. Sequimini! 355

PH. Nec Stilphonem ipsum scire qui fuerit?

GE. Negat.

*PH. Quia egens relictast misera, ignoratur parens,
Neglegitur ipsa; uide auaritia quid facit!*

GE. Si erum insimulabis malitiae, male audies.

DE. O audaciam! Etiam me ultro accusatum aduenit. 360

*PH. Nam iam adulescenti nihil est quod suscenseam,
Si illum minus norat; quippe homo iam grandior,
Pauper, cui opera uita erat, ruri fere*

Se continebat; ibi agrum de nostro patre

Colendum habebat; saepe interea mihi senex 365

O parasita na obra de Terêncio — Gnatão vs Formião

Narrabat se hunc neclegere cognatum suum –

At quem uirum! Quem ego uiderim in uita optimum.

GE. *Videas te atque illum, ut narras.*

PH. *I'n malam cruce[m]?*

Nam ni eum esse existimassem, numquam tam grauis

Ob hanc inimicitias caperem in uestram familiam, 370

Quam is aspernatur nunc tam inliberaliter.

GE. *Pergin ero absentem male loqui, impurissime?*

PH. *Dignum autem hoc illost.*

GE. *Ain tandem, carcer?*

DE. *Geta!*

GE. *Bonorum extortor! Legum contortor!*

FORMIÃO (em voz baixa, a Geta). *Agora presta atenção: vou já provocá-lo. (Em voz alta, fingindo não ver Demifão.) Em nome dos deuses imortais, Demifão nega que esta Fânio seja sua parente? Esta rapariga, Demifão nega que ela seja sua parente?*

GETA (fingindo também). *Nega.*

FORMIÃO (continuando a fingir). *E diz que não sabe quem era o pai dela?*

GETA (continuando a fingir). *Diz que não.*

DEMIFÃO (aos amigos). *Parece-me que está ali aquele de quem eu falava. Venham comigo.*

FORMIÃO (continuando a fingir). *E que também não sabe quem era Stilpão?*

GETA (continuando a fingir). *Diz que não.*

FORMIÃO (continuando a fingir). *Porque a pobre foi deixada na miséria, desconhece-se o pai e ela própria é desprezada. Olha só o que faz a ganância!*

GETA (continuando a fingir). *Se acusares o meu patrão de malvadez, ouvirás o que não queres.*

DEMIFÃO. *Que descaramento! Ainda por cima vem para me acusar!*

FORMIÃO (continuando a fingir). *Com o rapaz, não há motivo para eu estar irritado, por ele não o conhecer; é que ele já era um homem bastante velho, pobre, que vivia do seu trabalho, e estava quase sempre no campo, onde cultivava uma terra por conta do meu pai. Entretanto, muitas vezes o velho me contava que esse seu parente não lhe ligava; e no entanto que homem ele era! O melhor que eu conhecera em toda a minha vida.*

GETA (fingindo-se sarcástico). *É como se te estivesse a ver a ti próprio, quando falas dele.*

FORMIÃO (continuando a fingir). *Vai à fava! Se eu não o considerasse assim, nunca me teria exposto a tão graves inimizades em relação à vossa família por causa daquela que ele agora rejeita tão indignamente.*

GETA (continuando a fingir). *Vais continuar a dizer mal do meu patrão, na sua ausência, bandalho?!*

FORMIÃO (continuando a fingir). *É o que ele merece.*

GETA (continuando a fingir). *E ainda insistes, criminoso?*

DEMIFÃO. *Geta!*

GETA (a Formião, fingindo não ter ouvido). *Ladrão! Vigarista!*

As capacidades de Formião são bem visíveis quando, depois de, no verso 385, se ter atrapalhado um pouco ao esquecer-se do nome do primo de Demifão, ter conseguido, com a ajuda de Geta, resolver o problema com sentido de humor, acabando mesmo por, com as suas ironias, conseguir irritar Demifão. A irritação do velho atinge o seu ponto mais alto quando Formião, meio a sério, meio a brincar, lhe oferece a sua amizade, o que, como seria de esperar, irrita particularmente o velho Demifão (429-435):

PH. *Quin quod est*
Ferundum feras? Tuis dignum factis feceris 430
Vt amici inter nos simus.

DE. *Egon tuam expetam*
Amicitiam? Aut te uisum aut auditum uelim?

PH. *Si concordabis cum illa, habebis quae tuam*
Senectutem oblectet; respice aetatem tuam.

DE. *Te oblectet; tibi habe.*

PH. *Minue uero iram.* 435

FORMIÃO (a Demifão). *Porque não suportas o que deve ser suportado? Seria um gesto digno de ti fazeres com que nos tornássemos amigos.*

DEMIFÃO (quase horrorizado com a proposta). *Eu desejar a tua amizade? Querer ver-te ou ouvir-te?*

FORMIÃO (irónico). *Se te deres bem com ela, terás alguém que alegrará a tua velhice; lembra-te da tua idade.*

DEMIFÃO (perdendo as estribeiras). *Que te alegre a ti! Fica tu com ela!*

FORMIÃO (conservando o seu sangue-frio). *Calma, tem calma!*

Esta oferta, juntamente com a subsequente referência de Formião à idade de Demifão, pretende acicatar a impotente raiva do frustrado Demifão, e Formião acaba mesmo por enfurecer o velho quando, com uma serena ironia, o aconselha a ter calma.

Termina assim a primeira participação de Formião que vai para casa na qualidade de indiscutível vencedor da primeira batalha. Ele não foi apenas vencedor na argumentação que fez, foi-o também na capacidade de renascer, depois de ter estado momentaneamente atrapalhado, e de ter conseguido manter-se calmo e sereno.

Formião não reaparece em cena ao longo de quase 400 versos (441-828), mas ele e as suas maquinações continuam a dominar a acção como um verdadeiro pesadelo para algumas das personagens que intervêm nessas cenas.

O seu nome anda frequentemente na boca dos outros, algumas vezes para ser elogiado (476 sqq., 560 sqq., 591 sqq.), outras para ser objurado (644, 668-669, 678, 768 sqq.). Exemplo claro dessa sua omnipresença são as cenas 2 e 3 do acto IV (591-681), nas quais Geta conta a Cremes a conversa que teve com Formião acerca do destino a dar à jovem Fânio, com quem o parasita acabou por aceitar casar em troca de trinta minas.

O regresso de Formião à cena dá-se no verso 829, no início da cena 5 do acto V. Surge gabando-se do seu sucesso e do seu empreendimento, mas, ao contrário do que seria de esperar, não continuará a exhibir-se e a utilizar uma linguagem vaidosa como aquela com que tinha brilhado na sua primeira aparição. De facto, ao longo dos mais de 40 versos que compõem a cena 6 do acto V (841-883), Formião fala muito pouco, ao contrário de Geta que recorre a toda uma linguagem elevada para a introdução ao dramático anúncio de que Fânio é filha de Cremes. Geta usa metáforas (841-842: *commoditatibus... diem*; 849: *odio... uinces*; 856: *delibutum gaudio*) e recorre a trocadilhos (842-844: *onerastis diem... nos exonerastis... umerum hunc onero*). W. G. Arnott³⁶ é de opinião que se depois da cena de Geta Terêncio tivesse imediatamente devolvido Formião à ribalta, através do uso de uma linguagem recheada de imagens e metáforas, o efeito teria sido atenuado pelo virtuosismo do desempenho anterior de Geta. Talvez por essa razão, só a partir do verso 936 – um pouco mais de 100 versos depois da sua reentrada – é que Formião volta a assumir o seu domínio, ao responder, com um argumento muito forte, às ameaças de Demifão (936-945):

DE. *In ius ambula.*
 PH. *In ius? Enimvero si porro odiosi pergitis...*
 DE. *Quid facies?*
 PH. *Egone? Vos me indotatis modo*
Patrocinari fortasse arbitramini;
Etiam dotatis soleo.
 CH. *Quid id nostra?*
 PH. *Nihil?* 940
Hic quamdam noram cuius uir uxorem...
 CH. *Hem!*
 DE. *Quid est?*

³⁶ Ibid., 47.

PH. ... Lemni habuit aliam...

CH. Nullus sum.

PH. ... ex qua filiam

Suscepit; et eam clam educat.

CH. Sepultus sum!

PH. Haec adeo ego illi iam denarrabo.

CH. Obsecro,

Ne facias!

DEMIFÃO. Caminha para tribunal.

FORMIÃO (em tom ameaçador). Para tribunal?... Se continuarem daqui em diante a aborrecer-me...

DEMIFÃO (provocador). Que é que fazes?

FORMIÃO (no mesmo tom ameaçador). Eu? Vocês talvez pensem que eu defendo apenas mulheres sem dote, mas costume fazê-lo também com as que têm dote.³⁷

CREMES. Que é que isso nos interessa?

FORMIÃO (irónico). Nada. Conheci aqui uma esposa cujo marido...

CREMES (inquieta). Hem!

DEMIFÃO. Que é?

FORMIÃO. ...tinha outra em Lemnos...

CREMES (assustado). Estou perdido!

FORMIÃO. ...da qual teve uma filha, e cria-a às escondidas.

CREMES (desesperado). Estou morto e enterrado!

FORMIÃO. E é precisamente isto que eu lhe vou contar.

CREMES (suplicante). Por favor, não o faças.

Formião vai desvendando o segredo de Cremes lentamente, como se quisesse prolongar-lhe ainda mais a tortura.

Mas a partir de agora (936), e até ao final da peça, as falas espalhafatosas e plenas de vivacidade de Formião sucedem-se, repletas de metáforas (939: *patrocinari*; 954: *inieci scrupulum*; 964: *gladiatorio animo*; 973: *precibus lautum peccatum tuom*; 974-975: *hisce... extillaueris*; 1030: *aurem ogganniat*). Merece um especial destaque o crescendo com que Formião descreve e caracteriza o estado de perturbação de Cremes: no verso 993 diz que ele já nem sabe onde está (*ubi sit nescit*); no verso 994 que ele está completamente gelado (*friget*); no verso 997 afirma que o desgraçado até delira (*delirat*); no verso 1015 classifica as palavras com que Demifão procura desculpar Cremes como um verdadeiro elogio fúnebre (*uerba fiunt mortuo*); e finalmente no verso 1026 avisa os espectadores de que chegou o momento do

³⁷ Como Nausístrata, mulher de Cremes.

funeral de Cremes (*exsequias Chremeti quibus est commodum ire, em tempus est*). Formião teve clara noção da sua vitória, de tal modo que teve o descaramento de deixar a seguinte ameaça (1027-1028):

*Age nunc, Phormionem qui uolet lacessito:
Faxo tali sum mactatum atque est hic infortunio.*

*Vamos, agora quem quiser que ataque Formião,
eu farei com que seja punido com o mesmo castigo que este.*

Se, como vimos, na primeira aparição de Formião em cena (315-440), o seu ataque verbal precedeu a demonstração da sua superioridade intelectual sobre Demifão; nesta sua segunda aparição a sequência é inversa: primeiro assistimos à vitória no argumento sobre Demifão, só depois ao ataque verbal contra os dois velhos. Neste, o parasita recorre com insolência a uma linguagem que podemos classificar, com W. Geoffrey Arnott³⁸, de emocional, nomeadamente quando acusa Cremes de estar a querer lavar o seu erro com súplicas, depois de ter feito o que lhe apeteceu em terras estrangeiras, sem se ter preocupado com a mulher distinta que estava a ultrajar (971-973), o que deixa Demifão furioso (976-979) e Cremes sem saber o que fazer (979-980). A única solução que Demifão encontra é levá-lo a tribunal (981), decisão que provoca uma reacção enérgica de Formião que, a partir do verso 990, com o aparecimento em cena de Nausístrata, se assume como vencedor em todas as frentes. Os últimos versos da peça servem essencialmente para reforçar o sucesso de Formião, uma personagem que, como vimos, difere de todas as outras porque não só nunca está completamente fora do plano da acção, como também nunca fica verdadeiramente atrapalhado sem saber o que se há-de fazer a seguir. Ele é mais do que um mero espírito superior, ele é o esperto estratega que controla, com mão de mestre, o decorrer dos acontecimentos desde o começo até ao fim. Formião é, como diz Walter E. Forehand³⁹, o único exemplo, na comédia terenciana, de um malandro que controla a cena.

³⁸ Vide *Greece & Rome* 17 (1970) 51.

³⁹ *Terence* (Boston 1985) 90: “is the one example in Terentian comedy of a rogue controlling the stage”.

H. Schneider, “Phormio champion of life”, *Classical Bulletin* 38 (1961) 27, refere que Formião sintetiza em si próprio todos os poderes e forças e que ele, na peça, ao viver com alegria e satisfação, se torna o símbolo da vida.

Formião contribui, na opinião de G. Cupaiuolo (op. cit., 106), para dar, na luta contra as convenções sociais, um significado de valor profundo por exemplo ao amor, contribuindo para reequilibrar a sorte dos jovens.

4. Conclusão

Como vimos, os dois parasitas que aparecem na obra de Terêncio têm muito pouco em comum. Gnatão desempenha um papel secundário, a sua influência na acção é muito pequena: acompanha a jovem rapariga a casa de Taís e, no final da peça, convence os dois irmãos a acolherem o soldado como rival. Para além destas duas acções, o papel de Gnatão é basicamente o do convencional parasita da Comédia Nova, o engraçado e voraz parasita que apoia publicamente o seu protector (e. g. 487 sqq.), embora a maior parte das vezes o faça com uma irónica ambiguidade (e.g. 399-401, 403, 406, 409, 427-428, 433, 453, 782, 791). Aparece, por isso, como um parasita cínico, hipócrita e convencido, diferente, no entanto, do parasita tradicional que se sujeita a qualquer humilhação, e que faz de bobo e suporta bofetadas para poder garantir um bom jantar. De facto, Gnatão adula o seu protector, mas procura fazê-lo com elegância, falando por vezes com uma linguagem quase filosófica, está consciente da sua própria inteligência, embora os conselhos que dá a Trasão (435 sqq., 811 sqq.) não sejam os melhores. Em suma, Gnatão apenas se preocupa com o seu próprio interesse e aparece, por isso, essencialmente como um refinado artista da adulação.

Formião, por sua vez, assume-se como o verdadeiro senhor da situação, um homem que se afasta do conceito habitual do vulgar parasita. Tem um carácter que o distingue nitidamente de todos os outros parasitas, particularmente de Gnatão: é generoso e desinteressado. Formião é essencialmente um homem ardiloso e cheio de expedientes, decidido na actuação, hábil na palavra, capaz de incutir coragem nos seus amigos e desconcertar os adversários. A sua faceta de parasita só transparece um pouco quando, no verso 335, se considera um tipo comilão (*hominem edacem*), e, no final da peça, depois de ter resolvido o assunto de Fédria, resolve pensar em si e se faz convidar para jantar. Em tudo o resto agiu desinteressadamente em defesa dos interesses dos seus jovens amigos. Em suma, Formião não é propriamente um vulgar parasita, como de certo modo o é Gnatão, a sua dedicação e o seu entusiasmo fazem dele um parasita simpático, verdadeiramente digno de dar o seu nome à peça.

O parasita na obra de Terêncio — Gnatão vs Formião

* * * * *

Resumo: Na obra de Terêncio aparecem apenas dois parasitas, por sinal bem diferentes um do outro: Gnatão (no *Eunuchus*) e Formião (no *Phormio*).

O primeiro desempenha um papel secundário, não passa de um cínico adulator e de um verdadeiro fanfarrão que se vangloria da sua originalidade e da sua bem sucedida carreira de parasita.

O segundo, que deu o nome à peça, não é apenas outro Gnatão, bem pelo contrário. De facto, embora Formião esteja em cena apenas duas vezes (vv.315-440 e 829-1055), ele desempenha o papel principal, pois a sua presença domina a acção do princípio ao fim da peça, não só porque se fala constantemente dele, mas também porque se põem em prática os seus planos. Ao contrário do que é habitual na figura do parasita, Formião é generoso e desinteressado.

Palavras-chave: teatro latino; Terêncio; comédia; *Eunuchus*; *Phormio*; parasita; Gnatão; Formião.

Abstract: In Terence's work only two parasites appear, one being very different from the other: Gnatho (from *Eunuchus*) and Phormion (from *Phormio*). The first plays a secondary role, is nothing but a cynical flatterer, boastful of his originality and successful career as a parasite.

The second, who gave the play its name, isn't just another Gnatho, far from it. In fact, though Phormion only takes part in a scene twice (vv. 315-440 and 829-1055), he plays a major role, for his presence dominates the action from the beginning to the end of the play, not only because he is constantly being referred to, but also because his plans are put into practice. In contrast with what the parasite usually stands for, Phormion is generous and disinterested.

Keywords: Latin theatre; Terence; comedy; *Eunuchus*; *Phormio*; parasite; Gnatho; Phormion.

Resumen: En la obra de Terencio aparecen apenas dos parásitos, con características muy diferentes uno de otro: Gnatón (en *Eunuchus*) y Formión (en *Phormio*). El primero desempeña un papel secundario, no pasa de un cínico adulator y de un verdadero fanfarrón que se vanagloria de su originalidad y de su exitosa carrera de parásito.

El segundo, que dio nombre a la pieza, no es meramente otro Gnatón, sino todo lo contrario. De hecho, aunque Formión sólo esté en escena dos veces (vv. 315-440 y 829-1055), desempeña el papel principal, pues su presencia domina la acción de principio a fin de la pieza, no sólo porque se habla constantemente de él, sino también porque se ponen en práctica sus planes. Al contrario de lo que es habitual en la figura del parásito, Formión es generoso y desinteresado.

Palabras clave: Teatro latino; Terencio; comedia; *Eunuchus*; *Phormio*; parásito; Gnatón; Formión.

Résumé: Dans l'œuvre de Térence, à peine deux parasites apparaissent, apparemment bien différents l'un de l'autre: Gnaton (dans *Eunuchus*) et Phormion (dans *Phormio*).

Le premier joue un rôle secondaire, il n'est rien d'autre qu'un adulateur cynique et un véritable fanfaron qui se vante de son originalité et de sa prospère carrière de parasite.

Le deuxième, dont la pièce tient le nom, n'est pas seulement, loin de là, un autre Gnaton. De fait, bien que Phormion n'entre en scène que deux fois (vv. 315-440 et 829-1055), il joue le rôle principal, puisque sa présence domine l'action du début à la fin de la pièce, non seulement parce qu'on parle constamment de lui, mais aussi parce que ses plans sont réalisés. Contrairement à l'image habituelle du parasite, Phormion est généreux et désintéressé.

Mots-clé: Théâtre latin; Térence; comédie; *Eunuchus*; *Phormio*; parasite; Gnaton; Phormion

